



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

A COR E GÊNERO DOS CÂNONES: A INVISIBILIDADE DAS AUTORAS NEGRAS

Maria Clara Ribeiro Nascimento, Tamires Souza Ribeiro ¹
Orientador: Rafael Lima Vieira ²

RESUMO

O presente artigo abordará a invisibilização e o apagamento das escritoras negras no cânone literário brasileiro. Para tanto, uma análise aprofundada será conduzida de modo a investigar como os currículos escolares e os livros didáticos no ensino básico corroboram para perpetuar este apagamento. Também salientamos a relevância de autoras negras e as temáticas abordadas em suas obras, como a autora Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, que evidenciam questões cruciais da sociedade brasileira em seus escritos. Além disso, apontaremos de que modo a falta de representação dessas vozes influencia a percepção da literatura brasileira, destacando a necessidade de reconhecer e valorizar as contribuições significativas dessas escritoras. A pesquisa, de caráter bibliográfico e qualitativo, tem como objetivo enriquecer nossa compreensão da diversidade da identidade literária do Brasil. Além de fortalecer o processo de materialização da lei 10.639/2023 no que diz respeito ao ensino de questões étnico-raciais na área da linguagem no nível de educação básica.

Palavras-chave: Escritoras Negras; Invisibilização; Literatura;

INTRODUÇÃO

A literatura é um espelho que reflete a diversidade e complexidade da sociedade em que vivemos. Ela não apenas nos entretém, mas também nos oferece uma lente através da qual podemos examinar e compreender diferentes perspectivas, experiências e identidades. No contexto brasileiro, uma rica tapeçaria de vozes literárias ecoa pelas páginas dos livros, mas, lamentavelmente, algumas dessas vozes têm sido silenciadas ao longo do tempo, a destacar, as escritoras negras. Muitos críticos conceituam a literatura negra das mais variadas formas, Bernd (1988), por exemplo, diz: “que a literatura surgiu para preencher vazios deixados pela perda de identidade ocorrida no período em que a cultura negra era tida e considerada como fora-da-lei”. Este artigo propõe a explorar a invisibilização e o apagamento das escritoras negras no cânone literário brasileiro, um fenômeno que tem impacto não apenas na representatividade dessas

¹ Graduandas do Curso de Licenciatura em Letras Português- Inglês do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Ceará, maria.clara06@aluno.ifce.edu.br, tamires.souza07@aluno.ifce.edu.br;

² Pedagogo (UFPE). Mestre em Educação Contemporânea (UFPE). Professor do curso de Licenciatura em Letras Português- Inglês do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia do Ceará - Campus Tianguá, rafael.vieira@ifce.edu.br



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) S
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

autoras, mas também na maneira como percebemos e entendemos a literatura brasileira como um todo.

Ao longo das próximas páginas, uma análise aprofundada será feita para investigar como os currículos escolares e os livros didáticos no ensino básico contribuem para a perpetuação desse apagamento. Examinaremos como a ausência dessas escritoras nos materiais educacionais afeta a formação cultural e intelectual dos estudantes, privando-os do acesso a perspectivas valiosas e histórias poderosas. Em particular, direcionamos nosso olhar para autoras notáveis como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, cujas obras não apenas capturam a essência da experiência negra no Brasil, mas também lançam luz sobre questões cruciais e muitas vezes negligenciadas em nossa sociedade.

Além disso, este artigo destaca a relevância dessas autoras e as temáticas profundas abordadas em suas escritas. Ao explorar suas narrativas, examinaremos como essas escritoras dão voz a experiências marginalizadas, desafiam estereótipos e oferecem uma visão crítica e esclarecedora da realidade brasileira. Reconhecemos a importância de trazer essas vozes à tona e refletiremos sobre como a falta de representação influencia a percepção da literatura brasileira em geral.

Dessa forma, destacamos a necessidade urgente de reconhecer e valorizar as contribuições significativas das escritoras negras, não apenas como uma questão de justiça social, mas também como um passo fundamental para enriquecer nossa compreensão da identidade literária do Brasil. Além disso, este trabalho se alinha com a implementação da lei 10.639/2003, que busca integrar de maneira mais profunda e significativa as questões étnico-raciais no ensino de linguagem na educação básica, reforçando assim a importância da diversidade literária como uma ferramenta vital para promover a inclusão e a igualdade em nossa sociedade.

A ESCRITORA E A ESCRITORA MULHER NEGRA NA LITERATURA

A formação do cânone brasileiro surgiu a partir do século XIX, após a independência política do país, por emergir a necessidade entre os brasileiros da constituição da identidade nacional e conseqüentemente de uma literatura brasileira propriamente dita. Até então, segundo Antônio Candido (1997), havia anteriormente apenas manifestações literárias esparsas. Contudo, as obras escritas nesse período eram produzidas, majoritariamente, por homens de classe média alta, já que a maioria das mulheres não tinha acesso à educação e quando o tinha era voltado à condução do lar. Sendo assim, a construção do cânone literário excluiu escritores que não se encaixavam nos padrões de estilo imposto e estereótipo de raça, gênero e classe social.

Alguns autores marginalizados, como mulheres, mulheres negras, homens negros e pessoas menos favorecidas, foram esquecidos. É válido ressaltar que algumas mulheres da época conseguiram se sobressair através de seus escritos, na maioria das vezes imitando o padrão estético-literário dos homens, para poderem ser aceitas pela crítica literária. Já outras, utilizavam-se de pseudônimos masculinos para conseguir certo reconhecimento de suas obras. Ao lermos produções de autoria feminina do período, nota-se a visível postura de medo de repúdio, uma postura de modéstia exacerbada. Na apresentação de sua obra "A Rainha do Ignoto", a cearense Emília Freitas dirige-se aos escritores brasileiros apresentando sua obra como um diamante bruto, insinuando a necessidade de um lapidador. Mesmo a obra sendo uma narrativa fantástica singular, que destoa das demais produções iniciais desse gênero, ela parece adotar uma postura de modéstia sem precedente. Ao texto dedicado ao leitor, Emília escreve:

Não me assusta a crítica sincera dos que, sem prevenções malévolas, pautadas pela justiça, me fizerem enxergar defeitos reais que minha ignorância, ou meu



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA 2018)
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

de século, não pode ver. Mas embora receie a rivalidade imprópria das almas grandes, do verdadeiro talento, não recuarei. De ouvidos cerrados, seguirei desassombrada no dificultoso caminho da literatura pátria (Freitas, 2020, p.35)

Por meio deste trecho, a autora antecipa a recepção da sua obra tanto pelo público leitor quanto pelos críticos literários e demais escritores. Ela parece prever possíveis comentários negativos, que uma mulher escritora poderia receber. Entretanto, enfatiza sua determinação em continuar a escrever no dificultoso contexto da literatura nacional do século XIX.

Outra escritora que utiliza a modéstia em seu prólogo é a maranhense Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira autora feminina e que inaugurou a literatura afro-brasileira com sua obra intitulada “Úrsula”. Em seu romance publicado em 1859, ao dirigir-se ao seu leitor, Maria Firmina descreve seu próprio livro como mesquinho e humilde (Reis, 2004) e continua:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversão dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (Reis, 2004, s/p).

A obtenção da simpatia buscada pela autora depende da disposição do leitor em compreender as particularidades ou imperfeições de uma romancista cuja educação é retratada por ela mesma como precária. Ela ressalta o fato da obra ser escrita por uma mulher, uma mulher brasileira. E assim como Emília Freitas, ela prorroga o apelo sob a condição vivida pelas mulheres e principalmente pelas escritoras que ousavam escrever durante o período.

Essas duas autoras, ao evidenciarem suas limitações e desafios, direcionam nossa reflexão para a difícil situação enfrentada pelas escritoras mulheres, especialmente as escritoras negras do século XIX no Brasil. Isso demonstra a urgência de reconhecermos e valorizarmos suas contribuições para a literatura brasileira.

Apesar de haver uma maior discussão e maior visibilidade sobre escritoras negras na contemporaneidade, elas ainda continuam sem espaço nos livros didáticos e currículos escolares, visto que há a persistência de um padrão estético-literário enraizado na literatura brasileira. Assim sendo, é crucial abordarmos o apagamento dessas autoras no cânone literário do Brasil, para enfatizar o quão importante são suas obras, para além das questões estéticas e temáticas e dando voz às lutas enfrentadas.

CURRÍCULOS E LIVROS DIDÁTICOS

O ensino de abordagens com temática étnico-racial é embasado pela lei 10.639/03, e dessa forma o currículo e os livros didáticos deveriam abordar essas questões na educação básica. A lei estabelece que os conteúdos devem pautar-se no estudo de:

"História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil" (Brasil, 2003, p.1).

Contudo, diante das nossas próprias vivências como alunos percebemos que essa questão geralmente não é abordada como deveria. Mesmo a lei garantindo a obrigatoriedade do



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

estudo da história e cultura afro-brasileira no ensino e, portanto, nos livros didáticos, as escritoras negras não são mencionadas. A título de exemplificação, na coleção de livros didáticos de português “Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” da editora Saraiva, mesmo tendo um capítulo que foca em literatura negra intitulado “Literaturas africanas de língua portuguesa e literatura negro-brasileira” presente no terceiro volume destinado ao último nível do ensino médio, há apenas menções de nomes e literaturas de homens negros como Viriato da Cruz, Craveirinha, Adão Ventura, Márcio Barbosa, Agostinho Neto e Cuti. Em uma segunda análise, na coleção “Se liga na língua: Literatura, produção de texto e linguagem” da editora Moderna acontece algo parecido já que a última unidade livro é destinado a ressaltar alguns textos de autores de literatura de língua portuguesa, dentre eles escritores negros como Luís Bernardo Honwana. É importante ressaltar que as duas coleções trabalham a linha temporal das escolas literárias, mencionando as principais obras e seus respectivos autores.

Diante das análises, é possível visualizar como é direcionado o ensino de literatura dentro das escolas. Percebe-se que o ensino é voltado para conteúdos que visam a aprovação dos alunos no Enem e em vestibulares e, dessa forma, apresentam autores e obras canônicas. Os únicos textos de mulheres que são apresentados nesses livros são de mulheres que seguiram o padrão estético-literário estabelecido pelo cânone literário brasileiro. Ademais, para os estudos de literatura africana e escritores negros são destinadas as últimas páginas do livro do terceiro ano do ensino médio. Mediante o exposto, podemos concluir que os próprios livros didáticos, que deveriam servir de base para a aula, já não garantem o ensino da história e cultura afro-brasileira para os escritores negros, e isso se agrava quando tornamos o olhar para as escritoras negras, que, como vimos, sequer são mencionadas. Apesar de existir uma lei vigente,

Concluimos, a partir dessa análise feita e das nossas vivências, que a educação ainda precisa estender suas discussões acerca de questões raciais. Estudar literatura negro-brasileira e conhecer autoras negras que fizeram, e fazem parte da história da literatura, permitirá que os alunos conheçam a condição real do negro no Brasil, podendo modificar a visão que eles têm da comunidade afro-brasileira, ou até de si mesmo, rompendo com o racismo enraizado não só na sociedade, mas também dentro da própria literatura.

CONCEIÇÃO EVARISTO E CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora mineira que buscou nas palavras expressar sua revolta contra a desigualdade vivida por ela e pelos moradores da favela de Canindé, onde morava. Carolina, por ser catadora, escrevia em cadernos encontrados no lixo, como uma maneira de desabafar sobre a realidade. E assim surgiu em 1960 seu primeiro livro com a ajuda do jornalista Audálio Dantas, intitulado “Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada”, em formato de diário ela conta seu dia a dia na favela, como sobrevive catando papel e demais materiais que ao vender pudesse comprar alimentos para ela e seus três filhos, mas que apesar do seu esforço, muitas vezes, faltava alimentação.

A autora denuncia como vivem as pessoas marginalizadas pela sociedade, pessoas excluídas socialmente como ela, o que contribui para a luta antirracista e para debatermos sobre feminismo, gênero, raça, literatura e sobre o sistema social vigente, que exclui, segrega e silencia não só por gênero, raça e classe social.

Contudo, seu maior reconhecimento surgiu após sua morte, apesar da sua grande relevância. Em 25 de fevereiro de 2021, ela recebeu o título de Doutora *Honoris Causa* pelo Conselho Universitário (Consuni). Tal título é atribuído a uma pessoa para evidenciar e reconhecer suas qualidades e méritos. Sobre essa concessão, Susana Castro, que é diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais na universidade federal do Rio de Janeiro, afirmou:



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITU
SEMINÁRIO DE EDUC/
PARA A EDUCAÇÃO |

É uma escritora cuja obra é de uma poesia ímpar, que por si só a faz ocupar lugar de destaque entre as escritoras nacionais. O tempo todo é perceptível nas obras o lirismo... Uma preocupação da autora em resguardar aspectos do ambiente em que vivia que, sob olhares, seriam considerados só inumanos devido à miséria e às condições sanitárias. Isso mostra uma grande veia poética, um domínio da capacidade de descrição pela linguagem. (Castro apud Coutinho, 2021)

Assim como ela, Conceição Evaristo só recebeu seu devido reconhecimento tardiamente. Contudo, ao contrário de Carolina, que faleceu, Evaristo continua publicando e escrevendo suas obras e é uma das escritoras negras mais conhecida internacionalmente, mais valorizada no exterior do que no Brasil. Em suas obras ela também expõe as desigualdades sociais que perduram ao longo dos anos. Ao falar sobre seu processo de escrita a autora enfatiza:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (Evaristo, 2005a, p.202)

A declaração da autora comprova que há um imaginário que permeia as mulheres negras, muitas vezes retratando-as não como agentes disseminadoras de conhecimento ou produtoras de arte, mas sim submetendo-as a uma perspectiva que as coloca à margem deste papel. A prática literária permanece predominantemente nas mãos dos homens brancos.

As duas autoras citadas servem como exemplo, assim como tantas outras, pois destaca a necessidade de romper com esse imaginário que relega as mulheres negras a uma posição de subalternidade. É fundamental evidenciar a competência dessas mulheres na produção literária, promovendo reflexões e interesse no cenário literário. Conceição e Carolina sabem que a assertividade das palavras desempenha um papel crucial no discurso capaz de transpor as barreiras da indiferença, assim como observado nas demais escritoras negras que, lamentavelmente, foram silenciadas nas historiografias da literatura brasileira.

O IMPACTO DESSE APAGAMENTO

O apagamento de escritoras negras implica uma falta de representação dessa parcela da sociedade na narrativa literária. Isso limita a diversidade cultural que os leitores encontram nas obras e cria uma lacuna na compreensão das experiências vividas por pessoas negras no Brasil. A literatura, especialmente nas escolas, desempenha um papel crucial na transmissão de conhecimentos sobre a história e cultura do país. A ausência de escritoras negras contribui para um desconhecimento generalizado da riqueza e da complexidade da história afro-brasileira. Isso pode perpetuar estereótipos e preconceitos, além de contribuir para a reprodução de uma visão limitada e muitas vezes distorcida da sociedade. Assim, destaca Evaristo (2005):

Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe,



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA DOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

perfil desenhado para as mulheres brancas em geral.
(Evaristo, 2005, p. 2)

Embora muito se fale sobre algumas autoras negras na contemporaneidade, percebe-se que elas não fazem parte da literatura brasileira que são apresentadas nos livros didáticos e nos currículos escolares, e muito menos se integram aos cânones, isso porque existe um padrão estético-literário na literatura nacional. Por isso, faz-se necessário debater acerca do apagamento histórico dessas autoras. Numa tentativa de alterar esse cenário, é importante não só resgatar esses nomes e obras injustiçados, mas também entender que essa literatura carrega outro sentido, que é o movimento de luta de uma raça. Afonso (2020) aponta:

[...] o ostracismo social evidenciado por escritoras negras em diversos momentos literários constitui a manutenção da hegemonia branca, patriarcal e racista e que por isso devem reconhecidos e enfrentados, pois a produção afro-feminina narra a vivência das tradições culturais, além de denunciar as problemáticas que versam sobre condição dos negros no Brasil e que por isso precisam ser incluídas na memória cultural e literária do país (Afonso, 2020, p. 4)

Evidenciar essa literatura é uma forma de resistência, pois essas autoras escrevem sobre suas vivências e conduz o leitor a refletir sobre a questão da mulher negra do Brasil, bem como suas implicações. Além de possibilitar uma identificação por parte dos leitores através de suas experiências, a escrita dessas mulheres pode inspirar as gerações futuras, rompendo com esse padrão literário que por tanto tempo silenciou vozes que precisavam ser ouvidas. Para combater o apagamento de escritoras negras, é essencial promover a inclusão, reconhecimento e valorização de suas obras. Isso não apenas enriquecerá a literatura nacional, mas também contribuirá para uma sociedade mais justa, diversa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa foi observado que nas historiografias da literatura nacional e na construção do cânone literário, a escrita feminina e a escrita feminina negra, especialmente, foram e são invisibilizadas e excluídas, as vozes negras são silenciadas pela crítica modeladora da visão estética literária, que enaltece as características do fazer literário masculino. E para essas mulheres e escritoras negras, como Maria Firmina, Carolina e Conceição resta apenas a tentativa de se fazer ouvir na sociedade brasileira através das suas produções literárias.

Pôde-se constatar que por meio da prática literária as mulheres e as mulheres negras, tanto da Conceição quanto da Carolina, uma escrita autêntica de reflexão profunda acerca da sociedade. As duas autoras utilizam da linguagem simples para protestar contra as desigualdades sociais de quem é marginalizado.

Assim sendo, faz-se necessário que seja rompido o ciclo de exclusão e omissão da literatura negra e de seus autores nos currículos escolares e livros didáticos, para além de um único momento na escola para trabalhar a consciência negra. E muito menos um único capítulo ou aula que insira esses conteúdos sobre literatura negra e negritude. Pois essa consciência precisa ser construída todos os dias e em estar presente em todos os níveis da educação básica para que só assim possamos formar estudantes mais críticos e pensantes, capazes de combater o racismo estrutural presente nas esferas da nossa sociedade e sobretudo manifestada na nossa literatura.



SERNEGRA

XII SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO
E RAÇA NOS INSTITUTOS FEDERAIS (SERNEGRA) &
SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Jamile Carla dos Santos. **O apagamento de escritoras negras no ensino de literatura**. I SIELLI – Simpósio Internacional de Estudos sobre Língua, Literatura e Interculturalidade e XIX Encontro de Letras. Goiás, 2020.

BERND, Zilá. **Introdução a Literatura Negra**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1988.

BRASIL, Lei Nº 10.639, **História e Cultura Afro-Brasileira**- 2003 Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

COUTINHO, Sidney Rodrigues. **Bitita é doutora**. Conexão UFRJ, 2021. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2021/02/bitita-e-doutora/>

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 8. ed. Belo Horizonte, Itatiaia, 1997.

EVARISTO, Conceição. **“Gênero e etnia: uma escre(vivência) contemporânea”**. Idéia. Nadilza Moreira & Liane Schneider, orgs. Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa, 2005.

FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. São Caetano do Sul, Wish, 2020.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis: Ed. Mulheres: Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. Editora Ática 10. ed.- São Paulo, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos da identidade; uma introdução às teorias do currículo**. 9. ed., 9ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.